

Visibilidade e Representatividade Transexual: A personagem Ivana em “A Força do Querer”¹

Jéssica MOREIRA ²
Marlon CAVALCANTE³
Mônica C. P. SOUSA⁴
Universidade Veiga de Almeida

Resumo

Este trabalho analisa o processo de reconstrução da comunidade Transexual na atualidade, e utiliza como objeto de pesquisa a personagem Ivana, da novela da Rede Globo “A força do querer”. A produção da telenovela conta, pela primeira vez em rede nacional, a história de uma pessoa em processo de descoberta e de transição sobre o próprio corpo, demonstrando desta forma, a importância de debate sobre o assunto, e uma recolocação cultural dos transexuais na comunidade contemporânea. Na representação da personagem, o artigo propõe um olhar sobre as mudanças culturais, ou a hibridação cultural, que permitem que uma parte da população, antes invisível, se torne reinserida, vista e reconhecidas nas produções de mercado. Para isso, utilizamos como material de pesquisa e análise cenas da própria telenovela.

Palavras-chave: cultura; reconstrução; transexual, contemporâneo

Corpo do trabalho

Introdução

A comunicação é percebida, em todo caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças. Os meios de comunicação começaram assim a fazer parte decisiva dos novos modos como nos percebemos latinoamericanos. O que significa que neles não apenas se reproduz ideologia, mas também se faz e refaz a cultura das majorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva (Martin-Barbero, 1997, p.63)

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida, e-mail: jess.ares13@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso do Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida, e-mail: marloncavalcante.sch@gmail.com.

⁴ Pós doutorada em Comunicação (UERJ). Doutora em Comunicação (UFF). Docente na Universidade Veiga de Almeida. Membro do Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação (UERJ), e-mail: monica.cpsousa@gmail.com. Orientadora do Trabalho.

Há muito tempo, homens se vestiam de mulher para interpretar papéis femininos, uma vez que naquela época, mulheres não podiam atuar. O mesmo acontecia, por exemplo, com os negros, que eram considerados como uma raça inferior, em uma sociedade que defendia a supremacia branca. Na atualidade, os movimentos em defesa dos direitos trans, lutam para que personagens travestis e transexuais sejam interpretados por pessoas transexuais e travestis.

Uma estimativa feita pela associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) aponta que de 90% da população de pessoas trans estão na prostituição porque não encontra outro meio de sobrevivência, uma vez que seus corpos são espaços da abjeção social, marginalizadas, devido a cultura em manter padrões rígidos de gêneros. Com isso, existe a necessidade de mais debates sobre o assunto, que deixou de ser um tabu, mas que ainda encontra pouco espaço nas mídias mais tradicionais, “Perguntamos como encaixar em algo que pareça real, tão real como um mapa, este feixe de comunicações distantes e incertezas cotidianas, atrações e desenraizamentos, que se nomeia de globalização” (CANCLINI, 2005, P. 15)

Com base nos dados já apresentado nesta pesquisa, será analisado a construção discursiva e social do primeiro personagem transexual das telenovelas brasileira, evidenciando aspectos como, a abordagem do assunto, a escolha da atriz Carol Duarte - mulher cis, lésbica – para o papel, e o impacto sociocultural que a história causa na população.

Outra abordagem que o artigo propõe é olhar para o consumo como parte importante dessa mudança cultural, pois para Nestor García Canclini, no livro *Consumidores e cidadãos*, “o reconhecimento e a aceitação social dependem cada vez mais do consumo, ou daquilo que se possua ou seja capaz de possuir”. (CANCLINI, 1995).

O processo de exclusão da comunidade transexual e as novas práticas culturais, a partir da perspectiva de Canclini

A hibridação cultural da sociedade permite que novas estruturas sejam criadas, e as novas práticas são inseridas no mercado, permitindo desta forma, um novo olhar, sobre outro aspecto da comunidade transexual, que ainda são considerados minorias, e sofrem

exclusão. Canclini acredita que a reestruturação neoliberal dos mercados agrava a desigualdade e a exclusão, e utiliza como exemplo os povos indígenas.

(...)sabemos em quantos casos sua discriminação étnica adota formas comuns a outras condições de vulnerabilidade: são desempregados, pobres, migrantes sem documentos, homeless, desconectados. Para milhões, o problema não é manter “campos sociais alternativos”, mas ser incluídos, chegar a se conectarem, sem que isso atropela sua diferença nem os condene à desigualdade. Em suma, ser cidadão em sentido intercultural. (Canclini, 2009, P. 66)

Com isso, a novela “A força do querer” tornou-se necessária para que exista um equilíbrio dentro do sistema, que normatiza as pessoas cis (nascidas com o gênero que se identificam), e excluem, automaticamente, os transexuais. A novela, ao abordar o tema com certa cautela e bastante lucidez, gera uma discussão entre os telespectadores. Agora os transexuais não estão à margem da sociedade e escondidos nas sombras das calçadas, eles também estão sendo vistos, falados e comentados. Os telespectadores são partes essenciais no processo de divulgação de informações, que até um tempo atrás eram completamente negligenciados. A interação entre novela e público gera mudança dentro do sistema, portanto, nesse contexto, existe uma troca cultural, tornando-a híbrida, e ela está sendo mediada pelo meio de comunicação de massa, a novela. A troca de cultura, para Canclini, ocorre a todo tempo, e ela pode ser considerada o principal fator para as mudanças estruturais, “Entendo por hibridação processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (Canclini, 2009, p. 19). Assim, culturas e modo de vida, que antes não se misturavam, conseguem se juntar e formar um novo padrão, criando neste sentido, uma nova estrutura, sobre um novo modelo de vida.

Não existe, no entanto, dúvidas de que a sociedade ainda trata o transexual de forma diferente, uma prova disso são as estatísticas mais atuais de que o Brasil, segundo dados publicado pela ONG *Transgender Europe (TGEu)*, matou ao menos 868 travestis e transexuais nos últimos oito anos, o que o deixa, disparado, no topo do ranking de países com mais registros de homicídios de pessoas transgêneras, e tais números geram uma desigualdade social perturbadora, pois como já citado neste estudo, 90% dos trans se prostituem no país.

O agravamento das desigualdades é beneficiado pela abertura irresponsável das economias nacionais, pela privação de recursos econômicos, educativos e culturais, pela transferência de riquezas das

maiorias para a elites financeiras improdutivas, especuladoras nacionais e internacionais. (Canclini, 2009, p. 101)

Para Canclini, “Um mundo multicultural – justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação – passamos a outros interculturais, admitindo-se a diversidade de culturas, sublinhando suas diferenças e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação.” (2005, p. 17). Desta forma, só é possível um mundo multicultural, em que todos na sociedade se respeitem como iguais, quando as diferenças não mais reforçarem a segregação. Para isso, é necessário que as pessoas falem das diferenças, e que a mídia abrace às causas dos que são oprimidos e excluídos. É importante salientar que é a sociedade quem fabrica as relações culturais e sociais, portanto, estamos todos imerso no mesmo contexto.

“A Força do querer” como mediadora

O que consumimos está de acordo com uma política sólida no qual estamos inseridos. Consumir não é apenas necessário, mas um estilo de vida. O consumo está ligado aos vários fatores ideológico, social e moderno. E a telenovela é um ótimo aliado, afinal de contas, mexe com a opinião pública, pois ela capta e expressa padrões de comportamento, gerando debates. Retratando problemas que se identificam com a maioria das pessoas.

Consumir novelas no Brasil, que é algo cultural e enraizado para consumo, mexe com a opinião e levanta muito mais debates sociais. Canclini propõe reconceitualizar o consumo, não como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais, mas como espaço que serve para pensar, e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades (Canclini, 2005, p. 14). Dessa forma, percebe-se que o consumo de novelas pode e deve ser um lugar para a reflexão, e a novela “A Força do querer” está se colocando no lugar de mediador, levando ao seu público, informações sobre um conceito desconhecidos por boa parte do público alvo da telenovela. Consumir a novela, é consumir um conteúdo multicultural, em que as relações simbólicas passam a ocupar um novo lugar na sociedade “Através de produtos, programas, mensagens; e principalmente através do marketing, a mídia passou a não comercializar somente produtos, mas estilos de vida e de imagens. Passou na verdade a balizar toda e qualquer referência do cidadão quanto a sua maneira de ver, sentir, entender e participar do mundo”. (SABBATINI, 2007, p. 07).

Existe um embate muito forte que engloba toda a questão de gêneros, de um lado a classe conservadora que acredita que o assunto não seja adequado para uma novela de horário nobre e o vê como uma maneira de impor a aceitação de algo. E de outro lado a classe que luta diariamente para ser vista e entendida na sociedade e que busca o seu devido respeito, dando assim total apoio para a discussão do tema na mídia. E todos os lados querem sair vencedores “estamos diante de uma sociedade composta por "uma enorme massa de pessoas semelhantes e iguais, que incansavelmente giram sobre si mesmas com o objetivo de poder dar-se os pequenos prazeres vulgares com que satisfazem suas almas” (BARBERO, 1997, P. 45). Todo esse processo levanta uma questão sociocultural reveladora sobre as formas culturais mais modernas, como por exemplo a disputa pelo espaço. A vantagem de ser a mediadora de assuntos tão polêmicos está em dar voz a todos, e principalmente, aos mais excluídos, Canclini diz que adotar uma perspectiva intercultural proporciona vantagens e equilibra o descritivo e o interpretativo “leva a conceber as políticas das diferenças não só como necessidade de resistir” (CANCLINI, 2005, P. 25). Resistir, portanto, é uma necessidade encarada pelos transexuais, da ficção e da realidade.

Para que exista ainda um equilíbrio entre as culturas, devemos ter um olhar mais delicado para os processos de mediação que a novela da rede Globo está propondo, que é a de incluir e vender o seu produto, e para vender é preciso convencer e transformar a trama em realidade, e aí entra as escolhas de produção, que é dada através de símbolos que estão sempre em construção e que está na estrutura social, e portanto, se torna essencial na construção da personagem Ivana, para que desta forma, ela se assemelhe ao real, e ao que está estruturado na sociedade quando o assunto é transexualidade. Vale salientar que o receptor desta mensagem está incluso na análise, afinal de contas, sem o receptor, não existiria mediação, ou mercado para que a história seja “vendida”, o que torna ainda mais imprescindível um bom roteiro, que transmita seriedade e realidade, ao mesmo tempo, para que desta forma, não exista interferência do público.

Em face da concentração monopólica e transnacional das indústrias culturais, a possibilidade de interferência do público (ou de frações dele) nas programações depende não somente da capacidade criativa e reativa dos indivíduos, como também de direitos coletivos e controles sociais sobre a produção e a circulação de informações e entretenimento. (Canclini, 2005, p.148).

Por outro lado, ainda que exista uma boa construção de personagem, boa produção de roteiro, e boa apresentação, há uma enorme possibilidade da rejeição por parte da população mais conservadora, que também são considerados receptores, e a interação entre emissor e receptor é de extremo poder. Pierre Bourdieu em seu livro “Sobre a televisão” de 1996, inclusive, analisou a forma como os meios de comunicação reforçam as estruturas de dominação nas sociedades modernas. Essa porcentagem mais conservadora foi quem boicotou por anos conteúdo mais amplo e que fosse de encontro ao real. Neste sentido, existe uma tentativa de entender o que mudou na sociedade de massa, que para Barbero é bem mais velha do que costumam contar os manuais para os estudiosos de comunicação.

Ora, se de um lado existe os que querem se aprofundar no assunto e assim assistir à transformação do personagem transexual na novela, de outro tem-se os que menosprezam esse tipo de abordagem na grande mídia. Como então a novela pode se posicionar de uma forma abrangente? Neste caso, a maioria “vence”. O boicote que acontecia há anos se dava simplesmente porque o movimento LGBTT não se posicionava por medo de repressão, pois a estrutura cultural da época rejeitava este tipo de relacionamento, “Estamos diante de uma sociedade composta por uma enorme massa de pessoas semelhantes e iguais, que incansavelmente giram sobre si mesmas com o objetivo de poder dar-se os pequenos prazeres vulgares com que satisfazem suas almas” (MartinBarbero, 1997, p. 45) e que agora, no entanto, com a ajuda da tecnologia moderna, deu voz a multidão, até então silenciada, dos LGBTT.

O processo de Construção do personagem Transexual na novela “A Força do querer”

O horário nobre é grande alvo das emissoras de televisão brasileira, uma vez que buscam chamar a atenção para seu conteúdo, fazendo assim com que se tenha um bom rendimento de lucros com publicidade. Porém, hoje o que se busca ao construir uma telenovela para este horário, é construir uma mercadoria que chame a atenção do espectador, e ao mesmo tempo, fazer com que está seja discutida por eles, abordando temas que estão em discussão em seu dia-a-dia ou que necessite de sua atenção.

A telenovela “A Força do querer” trouxe para dentro da TV discussões que estão em volta de seu público e que necessitam de uma atenção mais abrangente por parte daqueles que assistem. Foi assim a introdução do personagem Ivana/Ivan dentro da

história da telenovela e mostrar o processo de descobrimento e transição de uma pessoa transgênera.

Com as tecnologias da comunicação pós revolução industrial e inerentes a lógica capitalista, a cultura é cooptada pelo comércio, o que Adorno e Horkheimer definiram como Indústria Cultural. Em sua obra, *Dialética do Esclarecimento*, de 1947, apresentam um capítulo intitulado “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas”. Neste capítulo, os autores exemplificam que não se tem mais a necessidade de considerar ou se apresentar como arte cinema e o rádio, portanto, podemos analisar desta forma a TV também, uma vez que ambos com o desenvolvimento social acabaram se tornando meras mercadorias. Eles acreditam que automaticamente já se definem por indústrias, o que os faz focarem na arrecadação monetária que terão da apresentação de seus produtos ao público.

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (Adorno e Horkheimer, 1947, p. 57)

Porém, a telenovela brasileira, além de ser uma mercadoria, acabou trazendo uma importante discussão sobre a teoria das mediações na atualidade, teoria esta que centraliza que o receptor é um elemento importante no processo comunicacional. Seu foco é analisar como o receptor, recebe a mensagem que é enviada, e como o mesmo a põe para discussão e análise em seu dia-a-dia. Partindo desta análise, podemos pensar a introdução da personagem transexual na novela, dentro de um horário nobre e de uma grande emissora brasileira, onde o foco é mostrar o passo a passo de descobrimento da própria personagem ser uma pessoa trans e seu processo de interação social. Todo este processo comunicacional na novela interfere na comunicação como um todo fora das telas. Onde se começa a discussão da abordagem do tema em tal horário, da escolha da atriz para interpretar, entre vários outros assuntos que acabam por surgir, fazendo com que a comunicação quebre barreiras além da televisão e entre em outros campos comunicacionais e de interações sociais.

Para Martin Barbero (1997) a comunicação acaba se tornando uma mediação onde o importante nas pesquisas não são os meios, mas as relações sociais que virão a ocorrer no processo de recepção da informação que deseja transmitir através do assunto abordado.

Para o autor, a telenovela passa a ser parte de nós mesmos, uma representação direta do que vivemos, transformadas em história e interpretadas por outros.

Na televisão, a visão predominante é aquela que produz a sensação de imediatez, que é um dos traços que dão forma ao cotidiano. E isto vale inclusive para a publicidade, porque se trata da síntese entre a cotidianidade e o espetáculo, embora viva num equilíbrio instável que lhe dá um certo ar de transgressão. Na televisão, nada de rostos misteriosos ou encantadores demais; os rostos da televisão serão próximos, amigáveis, nem fascinante nem vulgares. Proximidade dos personagens e dos acontecimentos: um discurso que familiariza tudo, torna “próximo” até o que houver de mais remoto e assim se faz incapaz de enfrentar os preconceitos mais “familiares”. (Barbero, 1997, p. 295)

Ao ser inserido um personagem que aborde o tema da transexualidade e que traga grandes discussões ao público, acaba por se ter a necessidade de uma análise geral. Uma menina, branca, de família classe média alta, e que não aceita o corpo em que nasceu. A formulação do personagem pode não ser uma fórmula tão agradável para compreensão do público, começa aí então, o dissolver de sua história para trazer algo mais familiar para que os mesmos se sintam representados diretamente de forma que haja uma unificação. A autora, Gloria Perez, acrescenta ainda uma mãe que não aceita a filha, e uma família que não a compreende, além de retratar que o próprio personagem não entende o que está passando com seus sentimentos e emoções. Na busca por uma compreensão, e sem o apoio familiar, o personagem começa a ver as dificuldades que ele enfrentará para encontrar um trabalho sendo um homem trans, a forma com que a sociedade irá vê-lo e inseri-lo em seu cotidiano.

Ao abordar a aceitação da família em geral pelo personagem, a autora da novela do horário nobre apresenta como o transexual é visto pela população brasileira, e como os mesmos são incompreendidos. Apesar de realizar um papel de conscientização do seu público, a telenovela traz o debate para outro âmbito fora da tv, como internet, roda de amigos e trabalho. Fazendo o que a teoria da mediação espera e apresenta a discordância dos primeiros estudos de comunicação que ignoram os aspectos socioculturais e a característica do receptor. A autora vai transcrevendo a trama da personagem na medida em que o público recebe suas informações. Fazendo assim, com que se tenha uma pronta resposta de seu telespectador.

Para Stuart Hall em seu livro, *A identidade da pós-modernidade*, (1998), o processo de identificação do eu no âmbito cultural, se dá a partir do qual projetamos em nossas identidades culturais, algo que para o autor, se tornou variável e problemático,

uma vez que sofre por interações internas e externas e mudanças estruturais e institucionais.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. (Hall, Stuart 1998, p. 12)

Abordagem de um assunto tão dramático e que não esteja tão onipresente na sociedade, de princípio pode ser algo que assuste aqueles que assistem. Uma mulher que não aceita seu corpo, que não consegue se ver diante de um espelho e que não se considera uma mulher completa, é algo que pode escandalizar os telespectadores, entretanto, é algo que está presente em nosso meio. Abordar tal tema em um horário tão visto leva a discussão para todos os âmbitos de debate. A transexualidade não é apenas fictícia, e a história narrada na novela revela que a sociedade precisa compreender melhor este assunto. Adorno e Horkheimer exemplificam esta ferramenta da indústria cultural em que os autores dizem que o novo pode ser assustador, mas segue a mesma regra de se fazer com que gere uma discussão.

Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los abertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. (Adorno e Horkheimer, 1947, p. 60).

Ao se ter a aprovação da história do transgênero Ivan, a autora apresenta mais um elemento para colocar em discussão, a gravidez de um transexual que está iniciando sua transição, e o preconceito transfóbico que envolve a vida dos transgêneros em todo o país. A gravidez do personagem pode ser algo inesperado para os telespectadores, pela inserção dos sentimentos confusos da personagem por seu par romântico, que é um homem heterossexual, e que assim como grande parte de seu ciclo de amigos e familiares, não compreende Ivana/Ivan. A demora por apresentar a gravidez pode ser abordada com discussão por quem assiste, e é preciso analisar a necessidade de aprovação do romance entre um personagem trans, passando por fase de descobrimento de sua transexualidade, e um homem cis hétero. Por mais novo e confuso que seja para quem assiste todo o processo da Ivana/Ivan, inserir isso na trama requer uma aprovação prévia do público que acompanha, como salienta Adorno e Horkheimer “Tudo o que vem ao público está tão

profundamente marcado que não pode surgir sem exhibir de antemão a aprovação ao primeiro olhar.” (Adorno e Horkheimer, 1947, p. 60).

Quando Ivan, já em sua fase de transição, descobre sua gravidez, é o momento de apresentar o momento de esperança que a família do Ivan, e salvação do romance melodramático, que segundo Martin Barbero (1997), apresenta ser um dos fatores da televisão para obter grande sucesso de sua trama e foco em seu desenrolar narrativo.

Ao parecer que tudo está caminhando bem, a autora insere a violência a pessoas transexuais na trama. O personagem ao andar pela rua é espancado por não ser compreendido e perde seu bebê. O telespectador ali sente-se injustiçado e se vê no lugar do personagem, no lugar da mãe que vê seu filho hospitalizado, no lugar do próprio personagem que não entende a incompreensão da sociedade. Edgar Morin, em *Cultura de Massas no século XX*, volume:2 *Necrose*, apresenta seu pensamento de que as características da realidade da telenovela fazem com que seus telespectadores se identifiquem ou se projetem nas cenas com seus personagens.

A identificação se dá através das características, tanto afetivas quanto físicas, presentes nas personagens que o público leva a sua própria vida. A projeção ocorre mediante aquelas ações menos possíveis de serem realizadas socialmente. Ao se projetarem os indivíduos aliviam as suas tensões diante de uma história narrada pela indústria cultural. (Morin, Edgar 1981 p.78)

Inicia-se aí uma discussão contra a autora sobre diversos pontos que podem ser considerados soltos aos olhos atentos de quem assiste. Por que não prosseguir com a gravidez ou fazer com que este bebê seja a recuperação do casal na trama, dissolvido pelas incertezas da personagem? Por que de forma tão bruta apresentar este tema de violência? Questões como essas permearam os debates dos telespectadores da trama. Para Adorno e Horkheimer estas oposições na história são “O descaramento da pergunta retórica: “Mas o que é que as pessoas querem?” consiste em dirigir-se as pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjectividade”, (Adorno e Horkheimer, 1947, p. 69).

Um dos pontos mais desejados e esperados pelo público, e pelo próprio personagem, é o dia em que Ivan/Ivana vai para a praia sem camisa, e assim, se sente livre. Em sua última aparição na trama, após tudo que passou e enfrentou para se compreender e obter a compreensão de todo ao seu redor sobre como ele se aceita, e deseja ser aceito pela sociedade, o personagem Ivan/Ivana consegue realizar o seu sonho. A cena faz com que milhares de trans se sintam a representados, e que representa a importância da discussão do assunto. Ocorre ali o processo em que o público assume o

lugar do personagem, e que os transgêneros passam a ter uma representação heroica de sua luta.

O processo de identificação ocorre quando o espectador assume o ponto de vista da pessoa ou da personagem, tomando-o para si como um reflexo de sua situação de vida. Já a projeção acontece quando o espectador projeta seus sentimentos sobre o sujeito ou personagem televisivo, amando aqueles que o outro ama, odiando da mesma forma que o outro odeia e assim por diante. Esses processos de identificação e de transferência referem-se a níveis muitas vezes inconscientes do espectador. Anteriormente, as projeções davam-se com deuses e heróis, com seus poderes sobre-humanos. Hoje, os heróis pertencem à indústria cultural, são as estrelas do cinema e das novelas, os ídolos do esporte e da música. Podemos projetar no ídolo da televisão não só nossos desejos, mas também, sobretudo, nossos medos, tristezas, incertezas e, principalmente, aquilo que não temos coragem de viver, ou não temos condições de fazer (ORMEZZANO, 2005, p.03).

Considerações Finais

A telenovela brasileira, quebrou uma das barreiras importantes impostas hoje com o advento da comunicação, a discussão de assuntos além do âmbito fictício e que atinge desde a maioria até as minorias que até então não eram vistas por grande parte do público. Se faz necessário perceber a interação cada vez maior de todas as plataformas intercomunicativas para o processo de construção e até de desconstrução de padrões que eram seguidos anteriormente. Aqueles que não se sentiam representados podem por um instante aliviados se olharem como de frente a um espelho e ver que a representatividade está cada vez mais inserida na comunidade como um todo. Tem neste momento um processo de reconstrução do eu cultural e da forma com que se trabalha a identidade cultural para o grande público.

Com um feedback rápido e eficaz as emissoras não podem mais fechar os olhos para o que está acontecendo o mundo afora e transmiti-los de forma limpa e completa a seus telespectadores. A pronta resposta vem de imediato com a correria da comunicação, e isso faz com que seja feita uma análise criteriosa sobre a nova forma de cultura e de produção cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

ADORNO, W Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento** (1944).

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Editora Zahar, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadões**, Editora UFRJ 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**, Editora UFRJ 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Cultura Híbrida**, Editora UFRJ, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 10ª edição Editora DP&A, 2005.

MARTIN-BARBERO. Jesús. **Dos meios às mediações**, Editora UFRJ 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX, V.2 Necrose**, Editora Forense.

ORMEZZANO, Graciela, POTRICH, Cilene Maria, FRIDERICH, Bibiana, CORDEIRO, Lílian. **Cultura e estereótipos veiculados pela televisão**. Trabalho apresentado grupo de trabalho de Audiovisual, VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Passo Fundo/RS, 2005.

SABBATINI, N. Juliana. **Consumidores ou cidadãos – reflexo sobre as profundas transformações na identidade social na pós-modernidade**. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação – Intercom, Santos, 2007.